

# O pesadelo da história

Martin Cezar Feijó

Escritor e professor de Comunicação Comparada na Facom/Faap, São Paulo

*A importância das concepções de Mikhail Bakhtin, ele também perseguido na antiga União Soviética, é que elas não abdicam do marxismo em nome da crítica ao stalinismo; pelo contrário, elas se apresentam, como foram as de Gramsci com relação à política, como profunda alternativa ao dogmatismo que acabou por impregnar o marxismo.*

"(...)

*Hoje tenho muito o que fazer: devo matar a memória até o fim.*

*Minha alma vai ter de virar pedra.*

*Terei de reaprender a viver. (...)"*

(Anna Akhmátova)

## Introdução

Um espectro ronda não apenas a Europa. É o espectro do pós-comunismo. Como todo "pós" que se preza, este não se apresenta como solução, antes como problema. Pelo menos é o que se pode apreender pelo debate entre dois interlocutores privilegiados – intelectual e representativamente –, Joseph Brodsky e Václav Havel, através de uma das mais prestigiosas, e prestigiadas, publicações culturais do mundo: o *New York Review of Books*. Representativos não apenas pela fama em suas respectivas áreas (um poeta laureado com o Nobel de literatura; o outro dramaturgo encenado no mundo inteiro), merecida por sinal, mas também pelo papel que tiveram, e têm na derrocada do socialismo real em seus países de origem, ex-URSS e república Tcheca, respectivamente.

O objetivo deste trabalho é apontar, baseando-se principalmente no pensamento de Bakhtin, a partir do discurso destes intelectuais, as aporias de uma transformação histórica que ainda não definiu seus paradigmas. A perplexidade com as conseqüências dos acontecimentos que tiveram seu ponto culminante em 1989 com a derrubada do muro de Berlim, não é exclusiva dos que defendiam o socialismo tal como havia se instalado no leste europeu; ela também ocorre, como se verá, entre os que foram perseguidos pelo antigo regime – quem poderia imaginar que o socialismo seria chamado de "antigo regime"! – e que tiveram papel destacado, ativa ou passivamente, neste processo.

A importância das concepções de Mikhail Bakhtin, ele também perseguido na antiga União Soviética, é que elas não abdicam do marxismo em nome da crítica ao stalinismo; pelo contrário, elas se apresentam, como foram as de Gramsci com relação à política, como profunda alternativa ao dogmatismo que acabou por impregnar o marxismo.

O grande mérito da proposição metodológica de Bakhtin – principalmente a apresentada num livro em que em sua edição original teve como autor indicado seu discípulo Volochinov, cujo título já indica sua pretensão, e subtítulo sua abordagem: *Marxismo e Filosofia da Linguagem, Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*<sup>(1)</sup> – é o de possibilitar um caminho de interpretação que priorize o caráter social da linguagem. A questão central para ele é o saber "como a realidade (infra-estrutura) determina o signo, como o signo reflete e retrata a realidade em transformação"<sup>(2)</sup>

Contra o que chama de "subjetivismo idealista" (expressão monológica da consciência individual) e "objetivismo abstrato" (que propõe uma autonomia da língua, como coisa morta), analisando e questionando desde a linguística de Saussure até as formulações dogmáticas do marxismo oficial, Bakhtin desenvolveu o conceito de "enunciação", marcado pelo que chama de "interação verbal". O que estabelece uma importância decisiva no caráter dialógico da linguagem. Em outras palavras: é a situação social mais ampla e o meio social mais amplo que determinam as estruturas e o interlocutor<sup>(3)</sup>.

1 – A edição que me baseio neste trabalho é a traduzida por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. Sexta edição. São Paulo: Hucitec, 1992.

2 – *Op. cit.* pg. 41.

3 – *Idem*, pg. 113.

A palavra está sempre carregada de um conteúdo e de um sentido ideológico ou vivencial. Este sentido é "totalmente determinado por seu contexto" (4), com tantas significações quando seus contextos possíveis:

"A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais" (5).

A importância dessas considerações, mesmo que não dêem conta da riqueza do pensamento de Bakhtin, é que permitem situar melhor o debate entre Joseph Brodsky e Václav Havel, representantes de forças sociais que aparentemente foram vitoriosas com a derrocada do socialismo real. Uma análise de seus discursos pode demonstrar que Fernando Pessoa tem razão não apenas poética ao lembrar que a "realidade é sempre mais ou menos", e que, como destaca Bakhtin, "cada época e cada grupo social têm seu próprio repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica" (6).

A relação entre linguagem, pensamento e ação não está dissociada, pelo contrário, com a própria relação dos conflitos sociais – luta de classes entre eles, mas não exclusivamente – com as elaborações expressivas que buscam refletir, mesmo pela negação ou ausência, sobre eles. O que está em discussão é o sentido construído pela linguagem daí seu caráter ficcional, para a compreensão da própria história (7).

Por esta razão que a análise do discurso deve levar em conta não apenas o que ele diz, aberta ou veladamente, mas também sobre o contexto no qual a "fala" se constrói. Neste caso ganha importância e conhecimento, não apenas em seus aspectos subjetivos, mas também, e principalmente, em sua relação com os acontecimentos aos quais se referem. Este é o caso de Joseph Brodsky e Václav Havel, que tiveram uma relação, como veremos, suficientemente dramática

*O jovem poeta era  
acusado abertamente de  
não trabalhar e só  
escrever poemas.  
"Parasitismo social" era  
uma acusação grave na  
União Soviética.*

ca com o socialismo real e que obviamente impregna seus discursos, embora não explique tudo, nem os isenta dos equívocos, preconceitos e esterótipos.

#### De Dissidentes a Intelectuais

No caso do poeta Joseph Brodsky, a perseguição que sofreu já entrou no rol dos julgamentos mais absurdos da história, tendo paralelo – com as devidas proporções preservadas – com o julgamento de Sócrates na Grécia antiga, de Galileu pela Inquisição, e, na ficção de Kafka, em particular *O Processo*.

Tudo começou com um artigo no jornal da então Leningrado, em 29 de novembro de 1963 (8). O título do artigo era "Parasita Social à Margem da Literatura". Referia-se a um jovem "de calças de veludo" que não esquecia nunca de carregar papéis com poemas, considerado no mesmo como "hinos à banalidade". O artigo diz que o poeta influenciava mal a juventude com sua poesia "pessimista", "decadente" e "modernista". Seus "exercícios verbais" não passariam de "charadas", com seus temas: "funéreos-mortuários" e influenciados pela poesia estrangeira.

O que poderia ser uma crítica idiota em qualquer jornal do mundo tinha um sentido mais que literário no contexto soviético, em que a desestalinização não havia passado de um relatório secreto divulgado com poucas e ineficazes medidas de democratização no período Krushev: o jovem poeta era acusado abertamente de não trabalhar e só escrever poemas. "Parasitismo social" era uma acusação grave na União Soviética. Havia até um decreto de 1961, pro-

mulgado pelo Presidium do Soviète Supremo, estabelecendo rígidas penas aos que prejudicassem o que era considerado "período do desenvolvimento intensificado do comunismo" (9). No julgamento até críticos literários foram chamados para testemunhar o "caráter nefasto" daquele tipo de obra e comportamento.

Mesmo a intensa atividade de Brodsky como tradutor, reconhecido por muitos que testemunharam em seu favor, sem que se desse muita importância a isto, não foi considerada uma forma de trabalho porque ele não pertencia a União dos Escritores. O reconhecimento de um trabalho poético passava pela aceitação de uma corporação, e o caráter independente – e mais sintonizado com a poesia moderna – de Brodsky não era admitido pelas regras do realismo socialista, que exigia "otimismo", "nacionalismo" e presença de "heróis positivos" (10).

4 – *Idem*, pg. 106. Ver particularmente o capítulo 5: "Língua Fala e Enunciação", pp. 90-109; e capítulo 6: "A Interação Verbal", pp. 110-127.

5 – *Idem*, pg. 41.

6 – *Op. cit.*, pg. 43.

7 – Aqui entendida sem a tradicional distinção entre história como processo real, como disciplina ou como narração. Como lembra Jeanne Marie Gagnebin, analisando Walter Benjamin, "esta homonímia, à qual somos acostumados, nos indica uma comunidade de significação mais forte que a oposição habitual entre "história" (singular) que deveria nos restituir a verdade do passado. Convicção também que literatura e história (Historie) andam juntas sem que isso signifique, necessariamente, um relativismo resignado da "ciência histórica" ou um realismo militante da literatura." in *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva: Fasesp/Campinas: Unicamp, 1994, pg. 3.

8 – Baseio-me para esses comentários no livro *Brodski Ou Le Procès d'un Poète*, com comentários de Efim Etkind, e publicado em Paris pela Le Livre de Poche, 1988. Trata-se de um precioso documento pois transcreve todo o interrogatório que Brodsky sofreu, lembrando não apenas os processos indicados no texto mas também aquele que Flaubert teve que responder na França do século XIX por causa de seu *Madame Bovary*.

9 – O decreto em sua íntegra se encontra no livro citado, pp. 131-136.

10 – Tenho convicção que um dos problemas fundamentais do socialismo tal como foi institucionalizado no leste europeu, e que acabou influenciando quase todo o pensamento e prática marxista do século, se deu em sua política cultural coerente com o autoritarismo de sua política mais geral. Sobre isto até escrevi um livrinho: *O que é política cultural* (São Paulo: Brasiliense, 1983, hoje em 5ª edição); quando nem se imaginava os rumos que o final da década dariam à utopia mais importante da modernidade.

O veredicto final, no dia 13 de março de 1964, acabou por considerar que: 1) Brodsky não era poeta; 2) era um parasita social; para finalmente condená-lo a cinco anos de trabalhos forçados de acordo com o decreto de 1961. O que se escondia por trás dos argumentos legais contra jovem poeta não era apenas mais uma demonstração da truculência anti-democrática do regime, mas também um arraigado anti-semitismo.

A condenação a Brodsky repercutiu no mundo inteiro. No Brasil, que no final do mesmo mês havia sofrido um golpe de estado – auto-denominado de “revolução”, que em nome do combate ao comunismo começava a cercear cada vez mais as liberdades públicas –, a repercussão entre escritores e intelectuais, em sua maioria de esquerda e em oposição ao novo regime, foi de solidariedade ao poeta russo. Na peça “Liberdade, Liberdade”, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes, por exemplo, montada logo após o golpe, o julgamento e condenação de Brodsky foi lembrado pelo que realmente representava: como ridículo se não fosse trágico.

Brodsky tinha menos de 24 anos quando foi preso. E sua poesia acabou por ser reconhecida no mundo inteiro, pelo que sei ainda inédita no Brasil<sup>(11)</sup>. Em 1987 recebeu o prêmio Nobel de literatura por sua obra poética e ensaística. Por mais que se desconfie, e com razão, do caráter político desta premiação, não se deve duvidar da qualidade de suas escolhas. Nem sempre os melhores foram escolhidos, mas os escolhidos também nunca foram medíocres ou pouco representativos. Expulso da União Soviética em 1972, leciona no New York Institutes of Humanities e reside em Nova York, colaborando regularmente com o *New York Review of Books*, onde polemizou com Václav Havel.

Václav Havel, também dissidente, com um papel ativo na oposição e derrubada do regime da então Tcheco-Eslováquia, nasceu em Praga em 1936, ano considerado fatídico por Jan Vladislav:

“1936, que figura na história sob a rubrica da reocupação da

*Como Sartre abordou em uma célebre conferência, o que diferencia um intelectual de um “especialista do saber prático” é sua relação com o poder: “o ofício do intelectual é viver sua contradição por todos e vencê-la por todos através do radicalismo”*

Renânia pelos hitleristas, da guerra civil espanhola, da expedição mussoliniana na Etiópia, dos processos stalinistas em Moscou e da estalinização definitiva do partido comunista da Tcheco-Eslováquia...”

George Orwell chegou a afirmar que em 1936 a história havia sido detida, interrompida!...

Desde jovem, Havel associou uma militância política a uma atividade teatral, sendo perseguido e suas peças sendo proibidas pela censura. Ensaísta, se destacou pelos temas políticos. Em 1975 escreveu uma “Carta Aberta a Gustav Husak”, onde afirma que a sociedade que o governo imagina estar consolidada não existe, apontando o que considera como sendo as razões: o medo, a corrupção, a apatia, a supressão da vida pública, uma sociedade desmoralizada, uma cultura achatada, uma memória cerceada e uma paz dos cemitérios<sup>(13)</sup>.

Em 1977, foi o principal portavoiz de um documento que pede a democratização da Tcheco-Eslováquia: “Carta de 77”. O que lhe custou a prisão de 79 a 83. Seu amigo, o filósofo fenomenologista Jan Pácka, também signatário da carta, não resistiu às torturas e morreu em março de 77. Para Havel, num balanço posterior, o sentido da Carta de 77 foi essencialmente “ético”, pela valorização da “consciência moral individual” e “ressurreição do espaço público” e “um retorno à história”<sup>(14)</sup>. No começo do ano de 1989 Havel foi mais uma vez detido, condenado

em fevereiro foi solto em maio devido aos protestos internacionais, inclusive de François Mitterrand, presidente da França. O que ninguém poderia prever é que neste mesmo ano, em dezembro, Václav Havel, após liderar o movimento conhecido como “Revolução do Veludo”, seria eleito presidente da Tcheco-Eslováquia<sup>(15)</sup>. Com a separação em dois países, hoje ele é presidente da república Tcheca.

Enquanto dissidentes, Brodsky e Havel tiveram um papel que Jean-Paul Sartre consideraria como o de um verdadeiro intelectual. Como Sartre abordou em uma célebre conferência, o que diferencia um intelectual de um “especialista do saber prático” é sua relação com o poder: “o ofício do intelectual é viver sua contradição por todos e vencê-la por todos através do radicalismo (ou seja, pela aplicação das técnicas de verdade às ilusões e às mentiras). Por sua própria contradição ele se torna o guardião da democracia: contesta o caráter abstrato dos direitos da “democracia” burguesa não porque queira suprimi-los, mas porque quer completá-los com os direitos concretos da democracia socialista, conservando, em toda democracia, a verdade funcional da liberdade”<sup>(16)</sup>.

Sartre não dá uma definição de intelectual que pode aproximá-lo muito mais da condição de rebelde do que de revolucionário, mais poética que histórica, e no entanto pertinente ao que se discute aqui. O que estava em jogo naquele momento, mesmo que fosse uma atividade exclusivamente poética, caso de Brodsky, era a própria con-

11 – Não me sinto em condições de analisar a poesia de Brodsky, podendo-se ver uma seleção de seus poemas em francês: *Poèmes. 1961-1987*, com vários tradutores e publicado pela Gallimard, 1987. Alguns de seus ensaios o leitor brasileiro já tem à disposição: *Menos que Um*. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

12 – “Préface” in Havel, Václav. *Essais politiques*. Paris: Calmann-Lévy, 1989.

13 – in *Op. cit.* pp. 7-39.

14 – “Les sens de la Charte 77”. *Op. cit.* pp. 41-63.

15 – Sobre os acontecimentos de 1989 em Varsóvia, Budapeste, Berlim e Praga, ver: Ash, Timothy Garton. *Nós, o povo*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

16 – *Em defesa dos intelectuais*. Trad. Sérgio Goes de Paula. São Paulo: Atica, 1994, pp. 53.

tradição de um sistema que se considerava uma etapa superior da história com métodos que não condiziam com essa versão.

A questão é que muita coisa mudou desde então. Não foi apenas o socialismo (de Estado, real ou de caserna) que acabou, também os antigos dissidentes passaram a ter poder, a desfrutar de platéias e gabinetes. A linguagem nesse caso reflete essa mudança, nem sempre percebida. E pode revelar o que antes estava camuflado pela opressão maior, que não permitia vir à tona a verdadeira concepção de mundo e ideológica que norteava as ações, mesmo que naquele contexto justas e libertárias.

Com isto quero dizer, inspirando-me na integridade de Sartre, é que nada impede que o intelectual de ontem se torne o guardião da ordem de hoje. Aliás, isto ocorreu em grande escala no socialismo e nos quadros dirigentes dos partidos comunistas. Os expurgos, lembra Sartre, atingiam quase sempre os intelectuais. E exatamente a falta de crítica pode ter sido a responsável por não se ter conseguido mudar a rota do colapso de uma utopia. A verdadeira crítica – deixando-se de lado aqui o ridículo ritual das “autocríticas” – somente intelectuais sem compromissos definidos podem exercer. Por isto Sartre desconfiava do conceito gramsciano de “intelectual orgânico”, para ele uma contradição.

Mas também os dissidentes legítimos de ontem podem se revelar os guardiões de hoje. Somente a análise de suas práticas e discursos (um momento da *praxis*, conforme Bakhtin) é que permite situá-los no contexto, por mais que o mesmo contexto seja recusado.

### O Pesadelo Pós-comunista

Em 1993, Havel publicou um artigo no *New York Review of Books* (edição de 27 de maio), intitulado “The Post-Communism Nightmare”. O texto foi originalmente apresentado numa conferência na George Washington University, em Washington, DC, em 22 de abril do mesmo ano. O texto procura chamar a atenção do “mundo democrático” das dificul-

---

*Mas também os  
dissidentes legítimos de  
ontem podem se revelar  
os guardiões de hoje.*

---

dades na solução dos problemas enfrentados com a nova situação dos países que haviam derrubado as ditaduras stalinistas. Considerando dramática a situação, o autor se utiliza da metáfora do “pesadelo” para definir o quadro:

“Durante longas décadas o principal pesadelo do mundo democrático foi o comunismo. Hoje – três anos depois de seu colapso como uma avalanche – seu mundo parece como se outro pesadelo o substituiu: o pós-comunismo”.

Havel aponta como herança das perdas causadas pelo regime anterior um perigoso nacionalismo, xenofobia, e países intelectualmente e moralmente mais pobres. A estrutura pervertida do totalitarismo não havia sido derrubada nas mentes e hábitos, gerando perigosas frustrações. E um fator que considerava importante teria sido a tendência do comunismo em uniformizar tudo: “the greatest enemy of communism was always individuality, variety, difference – in a word, freedom”.

Este favorecimento ao renascimento do patriotismo, do messianismo e conservadorismo é atribuído no texto a resquícios de países que diferentemente dos países ocidentais que construíram por longo tempo sociedades civis articuladas e protegidas desses riscos. Considerando a queda do que chama de “Império Comunista” tão importante quanto a queda do Império Romano, destaca que a construção de um novo mundo sobre as ruínas da “noite comunista” deve ser um processo tão complexo e extenso quanto foi o da criação da Europa cristã após as grandes migrações.

O “pós-comunismo” é para Havel um dos maiores desafios do homem contemporâneo, exigindo uma política de compreensão das

várias culturas num mundo de “civilização planetária”. O desafio será, para ele, construir sobre as ruínas uma nova região de democracia, liberdade e prosperidade, que não seja casual, mas baseada numa compreensão da responsabilidade de nosso destino.

Recordando a época em que era evitado até por amigos na rua por sua dissidência ativa, Havel prega a necessidade de uma nova consciência individual, enxergando apenas um caminho para sair da crise apontada: “man must come to a new understanding of himself, of his limitations and his place in the world.”

Havel, neste texto que vai provocar, como veremos, a intervenção de Brodsky gerando um debate que ainda não se encerrou, já coloca algumas questões que precisam ser abordadas. A principal delas é o impacto do colapso do socialismo real. No calor da hora, dois historiadores, ambos ingleses, de posições políticas e ideológicas distintas, porém não antagônicas, se propuseram a comentar o que ocorria no leste europeu: Timothy Garton Ash e Eric Hobsbawm.

Timothy Garton Ash acompanhou os acontecimentos de perto, e considerou seu trabalho praticamente um depoimento, mais que uma análise. Amigo de vários dissidentes – estava presente em Praga, no teatro Lanterna Mágica, nas reuniões do Fórum Cívico durante a chamada “revolução de Veludo” –, entendeu que foi um movimento pela cidadania: “O comunismo conseguiu envenenar muitas palavras da corrente principal da história europeia – entre elas, e não menos importante que as demais, a palavra “socialismo”. (...) Mas, de algum modo não conseguiu envenenar as palavras “cidadão” e “cívico”, embora também a usasse de maneira pervertida. (...) a linguagem da cidadania foi importante em todas essas revoluções...”<sup>(17)</sup> Por isto, considerou o movimento de 89 como o da “primavera dos cidadãos”.

Eric Hobsbawm, um dos historiadores marxistas mais importantes do século, crítico do

---

17 – p. cit. pg. 157.

autoritarismo soviético mas sempre se posicionando favoravelmente ao socialismo, buscou compreender também no calor da hora os acontecimentos que para ele marcaram o século: "Existem épocas em que os acontecimentos concentrados num curto período de tempo são evidentemente históricos e imediatamente vistos como tais. O ano da Revolução Francesa e 1917 foram ocasiões desse tipo, e 1989 claramente outra. O que poderíamos compreender disso tudo?" (18)

Para Hobsbawm, 1989 deve ser visto mais como conclusão do que como começo, e que é preciso reconhecer que houve um erro entre os que consideravam, ele inclusive, a Revolução de Outubro como "a porta para o futuro da história mundial". Para concluir que apesar do século XX – um século que, de uma perspectiva histórica, tem sido chamado de "curto": 1914-1990 – já ter terminado, ainda não se tem claro o que fazer para enfrentar os grandes problemas que o mundo ainda enfrenta, marcado pela instabilidade na Europa, nas relações com o Oriente Médio e em último lugar a própria instabilidade dos "sistemas políticos nos quais os Estados ex-comunistas se atiraram: a democracia liberal", lembrando com preocupação o período entre-guerras e suas consequências. Não será fácil aos países do leste europeu, diz Hobsbawm, uma transição ao liberalismo e mercado livre (19). E para os que defendem que estaríamos presenciando um "fim da história"; conclui que "a impressão que fica é que poucas profecias terão vida tão curta quanto essa".

Este impacto ainda não foi totalmente digerido pelas forças políticas, sejam as que ainda se consideram herdeiras do movimento socialista iniciado no século XIX, ou mesmo as que aparentemente foram vitoriosas com as "revoluções" indicadas (20). O próprio termo "revolução" é duvidoso para os acontecimentos, mas também não se pode considerar como sendo um golpe, ou uma contra-revolução, um movimento que derrubou claramente ditaduras que não representavam mais nada a não ser sua própria sobrevivência e de grupos

---

*E para os que defendem  
que estaríamos  
presenciando um "fim da  
história"; conclui que "a  
impressão que fica é que  
poucas profecias terão  
vida tão curta quanto  
essa".*

---

palacianos que se beneficiavam com o que diziam ser pertencente à "classe operária".

É também isto que está em jogo neste debate, mas não exclusivamente, como veremos. O texto de Havel publicado no *New York Review of Books* não esconde uma perplexidade com as dificuldades do processo, embora não aponte surpresas relevantes. Talvez tenha ficado muito mais surpreso com a reação do poeta Joseph Brodsky.

Quase um ano se passou do artigo de Havel para que Joseph Brodsky reagisse às proposições apresentadas no texto. Em um artigo publicado no próprio *New York Review of Books*, de 17 de fevereiro de 1994, com o título "*The Post-Communism Nightmare: An Exchange*" (21), Brodsky chama a atenção de Havel para o fato de terem um ponto em comum: ambos são escritores, ambos dão valor às palavras, pesam-nas mais cuidadosamente, e por força da atividade evitam os "chavões, as expressões latinas e todos os tipos de gíria".

Outro ponto em comum que Brodsky destaca é o fato já comentado de terem sido perseguidos pelos Estados de seus respectivos países, tendo a experiência das prisões (Havel ficando mais tempo) favorecendo um caráter contemplativo, fazendo deles "colegas de correspondência" antes mesmo dele ter pensado em escrever a carta aberta.

#### Memória e Linguagem

Não foi pelas afinidades – não eletivas, é bom lembrar – que Brodsky redigiu sua carta aberta a

Havel; foi pelas diferenças que encontrou nas entrelinhas do texto do presidente tcheco. Utiliza-se de um recurso que o próprio Havel se utilizou em 75, como já foi citado acima, quando escreveu uma carta aberta para o dirigente comunista Gustav Husak. Embora Brodsky não se coloque em oposição política a Havel, sua análise crítica é bem ácida ao lembrar que Havel destaca ter sido evitado por amigos por se considerar "inconveniente". A mesma "inconveniência" identificada nas atitudes do "mundo democrático" às novas realidades da Europa oriental e região balcânica.

Brodsky lembra a "civildade" de Havel como fator de impedimento para sua "visão retrospectiva". A "inconveniência" não se daria pelo perigo que Havel causava ao regime, mas ao fato de ser considerado "carta fora do baralho" pelos ex-amigos que o evitavam. Antes de ser visto como inconveniente ele era um "exemplo conveniente da atitude errada", do tipo de ser considerado alguém que "já era". Abandonado pelos compatriotas que julgava defender, Brodsky lembra-lhe

18 – O artigo de Hobsbawm foi publicado originalmente no jornal inglês *The Independent* em 02/10/90. Traduzido e publicado no Brasil pelo jornal *Folha de S. Paulo* no dia 12/11/90 com o título "1989 – O Que Sobrou para os Vitoriosos".

19 – Sobre as reformas econômicas no leste europeu, visando introduzir uma economia de mercado, ver a pesquisa em andamento de Andréa Muniz Barreto Cury: "Reformas econômicas no leste europeu: análise dos casos húngaro e polonês". Dissertação de mestrado apresentada na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1993.

20 – Não é objetivo deste trabalho analisar o complexo processo de colapso do socialismo no leste europeu, embora já tenha sido publicado uma significativa reflexão entre nós, que pode ser consultada: Blackburn, Robin (org.). *Depois da queda, O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. Trad. Luís Krausz. São Paulo: Paz e Terra, 1992; Kurz, Robert. *O colapso da modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Trad. Karen Elzabe Barbosa. São Paulo: Paz e Terra, 1992; Kagarlitsky, Boris. *A desintegração do monólito*. Trad. Flávia Villas-Boas. São Paulo: Unesp, 1993; Frederico, Celso. *Crise do socialismo e movimento operário*. São Paulo: Cortez, 1994; e Coggiola, Oswaldo (org.). *História e crise contemporânea*. São Paulo: Pulsar/UFCH-História/USP, 1994.

21 – Este texto foi publicado no Brasil no jornal *O Estado de S. Paulo* (13/03/94), com o título "O Pesadelo Pós-Comunista e os Caubóis da Democracia", contendo também a tréplica de Havel.

que ele não era um mártir.

A questão que Brodsky não desenvolve aqui, embora seja permanente em seus ensaios, é a questão da memória, que ele chama de "visão retrospectiva". E isto nos remete a uma outra questão relevante na construção dos sentidos, que pode estar vinculado ao que Bakhtin chama de "vivencial". Que é a relação da memória com a linguagem.

O próprio Brodsky tem um belo ensaio sobre o assunto em que ele recorda as imagens de sua infância em Leningrado. "Em matéria de fracasso - escreve ele em "Menos que Um" <sup>(22)</sup> -, tentar recordar o passado é como tentar compreender o significado da existência. E que embora a "biografia de um escritor está nos meandros de seu estilo", ele se recorda de pouca coisa, e do que se recorda são pouco importantes. Mas uma sequência de imagens lhe impressiona: da cidade de Leningrado e dos quadros nas paredes da escola retratando os dirigentes soviéticos, onde o menino se preparava para "ouvir bobagens". Dois aspectos fundamentais ele destaca com relação ao peso da memória: como "substituta da cauda que perdemos no feliz processo da evolução" e sendo boa principalmente quando falha, porque ele entende que "quanto mais a pessoa lembra mais perto talvez estará de morrer" <sup>(23)</sup>.

E neste caso fica exposto como a poesia orienta a concepção de Brodsky. Não apenas pelo recurso de metáforas exuberantes mas principalmente pelo papel que dá ao universo próprio da linguagem, específico, independente do que consideramos como realidade: "os livros se tornaram a primeira e única realidade, enquanto a realidade propriamente dita era considerada uma besteira, um estorvo" <sup>(24)</sup>. A memória neste caso estando a serviço de um necessário esquecimento, pelo caráter não apenas seletivo mas também pela recusa em aceitar o mundo exterior como componente significativo da linguagem. Só que é bastante duvidoso isto ser possível, assim como a própria memória não é reconstituição fiel do passado mas projeções impregnadas pelo pre-

---

*O esquecimento é fator decisivo para a criação, tão ou mais importante que o conhecimento. Mas quando isto se refere a fatos, a tendência é rejeitá-los sem compreendê-los, o que ocasiona uma relação tensa com a realidade, que não se propondo transformá-la mesmo assim a questiona.*

---

sente.

Foi Maurice Halbwachs <sup>(25)</sup>, a partir de uma crítica respeitosa às concepções de Henri Bergson, que chamou atenção para uma distinção necessária entre lembrança, memória coletiva e memória histórica. Ao mesmo tempo em que nos três casos o componente social é o que mais pesa, complementando assim o que Bakhtin não desenvolve e que chama de componente "vivencial" na construção dos sentidos da linguagem. A própria lembrança, entendida pelo senso comum como memória individual, como se isto fosse possível, é, para Halbwachs, "em larga medida uma construção do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada" <sup>(26)</sup>. Aqui também a memória pessoal (autobiográfica) se confunde com a memória social (histórica), e sua permanência depende da própria sobrevivência do grupo, que a repõe de acordo com a atualização de seus interesses. Para Halbwachs, a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que sem se confundir com ela, dela faz parte.

As consequências disto para a linguagem são imensas. Um poeta é um criador de linguagem, busca trilhar significados ainda não atingidos pela fala dominante. O es-

quecimento é fator decisivo para a criação, tão ou mais importante que o conhecimento. Mas quando isto se refere a fatos, a tendência é rejeitá-los sem compreendê-los, o que ocasiona uma relação tensa com a realidade, que não se propondo transformá-la mesmo assim a questiona. Tem razão Brodsky em seu ensaio quando destaca o papel do esquecimento para a poesia - de uma certa forma discordando dos que na antiguidade consideravam o papel do poeta como guardião da memória coletiva -, mas isto se choca quando ele exige em seu artigo que Havel leve em conta uma "visão retrospectiva" em sua análise. Até porque ele exige a rememoração de algumas coisas para propor se apagar da memória histórica outras coisas, como se verá. E neste caso o caráter seletivo não seria inconsciente e determinado pelas mudanças sociais, mas por uma determinação política, ou até por uma imposição dogmática e autoritária, que é o que ocorre com a memória histórica, cujo caráter seletivo está a serviço dos donos do poder, dos vitoriosos contra os vencidos, que perdem assim uma referência que garanta um mínimo de identidade e, portanto, de visão crítica sobre a ordem ou a nova ordem. Como o sentido da linguagem é construído socialmente, nada impede que os conceitos que tenham origem em necessidades concretas de determinadas forças sociais acabem por se transformar em palavras condenadas, como se seu simples uso colocasse em risco toda a ordem que se quer, consciente ou inconscientemente, preservar.

#### A Eliminação do Termo Comunismo

Para Brodsky, em sua carta a Havel, os tchecos o teriam abandonado da mesma forma como o elegeram, pelo mesmo motivo: auto-interesse. "O senhor preside uma

22 - *Op. cit.*

23 - *Idem, ibidem, pg. 29.*

24 - *Idem, ibidem, pg. 28.*

25 - *A memória coletiva.* Trad. Laurente Léon Schaufetter. São Paulo: Vértice, 1990.

26 - *Idem, pg. 71.*

sociedade que é mais deles que sua", e melhor que "inconveniência" seria considerar o conceito de "vulgaridade do coração humano" para o que tinha ocorrido com o dissidente. Aqui começam os maiores problemas de linguagem no texto de Brodsky: o que é histórico passa a ser visto como individual.

A metáfora da "inconveniência" também não procede para Brodsky com relação ao que Havel chama de "pesadelo pós-comunista", apontado como a questão central: "Pois nem o pesadelo comunista nem o pós-comunista equivalem a uma inconveniência, uma vez que ajudaram, e durante algum tempo continuarão ajudando, o mundo democrático a externalizar o mal". Tornando cada vez mais claro seu objetivo, Brodsky começa a se aproximar do amago da questão: a sobrevivência de um conceito e a construção de seu sentido. E define o que talvez, pelo menos para os objetivos deste trabalho, seja o ponto central em sua intervenção no debate:

"Talvez tenha chegado o momento – para nós e para o mundo em geral, seja democrático ou não – de eliminar o termo comunismo da realidade humana da Europa Oriental, para que se possa reconhecer essa realidade pelo que ela era e continua sendo: um espelho"<sup>(27)</sup>.

Para Brodsky, a questão central não se encontra nos termos geográficos ou nas terminologias políticas, mas sim no "potencial humano negativo". Para ele, comunismo é um chavão que lembra assassinatos, perseguições e cumplicidade, mas que não pode ser considerado um problema político, como supõe Havel, mas um "colapso da humanidade", um "problema humano de nossa espécie, um problema de natureza demorada e perseverante".

O poeta iniciou sua carta, como vimos, afirmando e destacando que por ser escritor dá importância ao rigor das palavras. Mas no decorrer da mesma propõe a extinção de um conceito decisivo para se entender os embates sociais do século XX. E o curioso é que a palavra "comunismo" realmente tem sido vista como sinônimo do

*E o curioso é que a  
palavra "comunismo"  
realmente tem sido vista  
como sinônimo do  
regime que se  
institucionalizou a  
partir de 1917 na Rússia  
e após a II Guerra no  
leste europeu.*

regime que se institucionalizou a partir de 1917 na Rússia e após a II Guerra no leste europeu. Nada mais falso, embora nada mais difícil em combater. Não se pode acusar Brodsky de degradar a palavra mais do que os que a usaram quando no poder estiveram. Mas se comunismo é conceito que se origina no pensamento de Marx e Engels, e que tem momentos decisivos em outros pensadores e/ou militantes como Gramsci, Sartre ou Lukács entre outros, reduzi-lo ao que as ditaduras stalinistas dele disseram é uma maneira de tentar apagar da memória coletiva um momento significativo do desejo de construção de uma sociedade mais justa. Como se realmente vivessemos o fim da história e estaríamos felizes com a nova ordem mundial, que não é tão nova assim.

Assim como seria a mesma coisa negar nessas ditaduras algum componente do próprio marxismo, aspecto que necessita ser rigorosamente avaliado. Afinal, de algum lugar o conceito permitiu justificar uma experiência que entrou em colapso principalmente por seus próprios erros e violências, e não pela superioridade apontada ao capitalismo como uma solução final da história. A questão é que o termo é muito complexo para se propor simplesmente sua eliminação. Primeiro, como se isto fosse possível; e segundo, se fosse, teria que ser através de uma ditadura mais brutal do que aquela que se condena. Aliás isto foi tentado e como se sabe não deu certo...

É aqui que Bakhtin nos auxilia como sua metodologia indicada.

Para Bakhtin, uma mesma palavra depende do que chama de entoação expressiva, determinada por uma situação imediata e na maioria das vezes nas circunstâncias mais efêmeras<sup>(28)</sup>. E dá até o bem-humorado exemplo de um texto de Dostoiévsky, de *O diário de um escritor*, onde se demonstra seis maneiras distintas de expressar um pensamento através de um só e único substantivo, uma pequena e censurada palavra, no caso um monossílabo que designa uma parte do corpo humano. E nas seis vezes em que foi empregada, a palavra foi compreendida em suas diferentes entoações<sup>(29)</sup>.

O caráter que Brodsky dá ao termo comunismo não condiz com sua própria condição de poeta e escritor que dá valor considerável às palavras, já que a primeira condição que deveria compreender é a dos sentidos múltiplos, porque sociais, dos conceitos. Em outras palavras: o caráter dialógico de uma enunciação<sup>(30)</sup> é trocado por uma imposição monológica fadada ao fracasso, tornada meramente circunstancial e de pouco expressividade, principalmente levando-se em conta que o autor é detentor de um prêmio que exatamente reconhece aqueles que valorizam as palavras em seu caráter polifônico, para lembrarmos mais uma vez um importante conceito de Bakhtin.

É como poeta que Brodsky considera chamar a atenção de Havel em sua carta: "Nem como escritor nem, principalmente, como líder de

(27) No original: "So perhaps it's time – for us and the World at large, democratic or not – to scrub the term communism from the human reality of Eastern Europe so one can recognize that reality for what it was and is: a mirror".

(28) Cf. *Op. cit.* pg. 132.

(29) Ver o trecho na íntegra, citado por Bakhtin, in *Op. cit.* pg. 133.

(30) Para Bakhtin, "em toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior. Em todo ato da fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de decodificação em forma de réplica. Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais". *Idem, ibidem*, pg. 66.

uma nação, o senhor deveria usar terminologias que tornam obscura a realidade do mal humano – terminologias, devo acrescentar, inventadas pelo mal para tornar obscura sua própria realidade”; para reforçar que não se deve considerar um pesadelo um acontecimento que não foi noturno. Uma questão política é transformada numa luta cósmica.

### A Crítica de Brodsky ao Capitalismo

A bem da verdade, Brodsky também não tem simpatias com o capitalismo, já que sua luta é contra a própria história. Daí considerar o caráter de “espelho” que interessou ao “mundo democrático”. Brodsky considera “conveniente” ao próprio comunismo tratá-lo como um erro, um equívoco, como uma horrenda aberração política, como lhe é conveniente ser tratado “civilizadamente”, como faz Havel, acrescentando-lhe um “pós” que embeleza o “ismo”.

Inconveniente seria reconhecer, escreve Brodsky, a “catástrofe” que ocorreu nessas regiões do mundo, principalmente aos que ele chama de “caubóis das democracias ocidentais industrializadas”, não como um “ismo” mas como “abismo que se abre no coração humano”. E aos “caubóis”, que odeiam espelhos e “índios” (identificando nos eslavos estes últimos), não se deve esperar muita coisa, assim como os “índios” não devem imitar os “caubóis” e sim buscarem outras opções, que Brodsky apresenta como plausíveis.

Antes de apresentar uma alternativa tanto ao comunismo quanto à “cópia” da democracia ocidental, Brodsky questiona alguns termos empregados por Havel: “nova compreensão”, “responsabilidades globais”, “metacultura pluralista” são conceitos empregados por Havel que Brodsky não só considera insuficientes mas também como não muito diferentes do que chama de “utopias retrospectivas”. Para se construir uma nova ordem social, propõe ele uma base menos auto-elogiosa, que não crie novas ilusões, que fuja da “dicção dos demagogos”, que não deve ser a

*Para se construir uma nova ordem social, propõe ele uma base menos auto-elogiosa, que não crie novas ilusões, que fuja da “dicção dos demagogos”, que não deve ser a deles:*

deles: “Esse tipo de dicção combina, talvez, com os inocentes, ou com os demagogos, que cuidam dos assuntos das democracias industriais, mas não com o senhor, que deveria saber a verdade a respeito da condição do coração humano”.

E aqui as diferenças – de linguagem, de visões de mundo, ideológicas – se acentuam, demonstrando mais uma vez que apesar dos interlocutores estarem aparentemente no mesmo campo de batalha, numa luta cósmica contra o mal, adotam estratégias diferentes. Em um texto em que fez um prefácio de uma peça de teatro, Havel chama a atenção para a História, ausente nas reflexões de Brodsky:

“Por diversos que sejam os interesses do escritor – quer escreva sobre o amor, o ciúme, os reveses ou o sucesso de sua vida, sobre a maldade dos homens, sobre a natureza, sobre sua infância, sobre Deus ou sobre a esquizofrenia, quer escreva obra de filósofo ou de psicólogo, quer ele se prenda aos fatos ou crie alegoria, quer seja obcecado pelos projetos estéticos os mais extravagantes e engenhosos – há uma coisa que um verdadeiro escritor jamais pode evitar: a história. Sua situação social, sua época, compreendendo também a política. Cedo ou tarde descobriremos que uma grande obra literária comunica, de modo indireto, complexo e mesmo oculto, elementos concernentes à história, à cultura, à civilização ou o futuro espiritual e social da coletividade. Não conheço uma obra literária autêntica sem essa dimensão”<sup>(31)</sup>.

Poderia ser a transcrição deste belo texto a resposta de Havel ao que Brodsky sugere. Pelo menos fica evidente as diferentes concepções que regem o discurso dos dois, com ênfases não apenas em detalhes diversos mas com relação à própria essência da linguagem. Brodsky deixa claro que não abdica de uma visão poética do mundo, confirmando sua vocação poética e rebelde, mas sem compromissos com a história, como comenta Octavio Paz, ao analisar a diferença entre o rebelde e o revolucionário na modernidade: “O rebelde, escreve Paz, à diferença do revolucionário, não põe em cheque a totalidade da ordem. O rebelde ataca o tirano; o revolucionário, a tirania. Admito que há rebeldes que julgam todos os governos tirânicos; não é menos certo que condenam o abuso, não o próprio poder; ao contrário, para os revolucionários o mal não reside nos excessos da ordem constituída e sim na própria ordem”<sup>(32)</sup>.

A proposta que Brodsky apresenta como conclusão à sua carta aberta, depois de sugerir a supressão da memória coletiva o termo comunismo, como se a palavra fosse responsável pelos atos feitos em seu nome, acaba surpreendendo pelo seu caráter paradoxal. Sua proposta é uma ingenuidade política e cultural para diferenciar as mudanças no leste europeu do “mundo democrático”.

Brodsky chama a atenção de Havel, considerando que ele é o que é não pelas prisões que sofreu, mas principalmente pelos livros que leu. Por isto propõe a transformação de uma nação como a Tcheca, que fica no coração da Europa, num povo civilizado. E por civilizado, ele entende como sendo um povo leitor de “Proust, Kafka, Faulkner, Platonov, Camus ou Joyce”. O que seria melhor para o futuro do mundo do que a simples “imitação dos caubóis”. Um verdadeiro pós-comunismo para Brodsky deveria conter antídotos à “vulgaridade do coração huma-

31 – Prefácio à edição francesa de *Demônio do Consentimento*, de Dominik Tatarka, cit. por Jan Vladislav in Havel, Václav. *Op. cit.* pg. 1.

32 – in *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

no", instaurando a dúvida e o bom gosto no coração do povo, e reafirmando o que estava implícito desde o início: "se o potencial negativo do homem se manifesta principalmente pelo assassinato, o seu potencial positivo se manifesta melhor através da arte". A proposta seria sublime se não fosse, infelizmente, tão surpreendentemente pueril. Embora confirme a exclusividade da poesia nas considerações de Brodsky, e no desprezo ao contexto, à realidade cotidiana de milhões de pessoas que lutam para garantir um mínimo de dignidade às suas vidas.

Brodsky também destaca que só não apresentaria esta proposta ao presidente do país em que mora e trabalha, os EUA, por que este não é escritor como Havel e porque os "caubóis acreditam na lei e reduzem a democracia à igualdade das pessoas diante dela; ou seja, eles acreditam na pradaria bem policiada". Por isto a sugestão de Brodsky a Havel em sua carta aberta é a de se estabelecer uma "igualdade diante da cultura", baseando-se em sua própria biblioteca, para finalizar lembrando que Havel não teria aprendido "coisas referentes aos imperativos morais numa escola de direito".

Uma análise mais cuidadosa da proposta de Brodsky já demonstra uma contradição interna. Diz defender o mundo democrático mas despreza a igualdade jurídica, diz defender a igualdade na cultura mas despreza as bases como uma cultura se forma, diz ser favorável à liberdade mas propõe a simples eliminação de conceitos incômodos. A troco de quê então um discurso desses se contrói?

#### O Cotidiano Pós-comunista

Brodsky deixa de lado, por razões não muito claras, o cotidiano da realidade pós-comunista que Havel vivencia, mesmo que seja do palácio do governo. Ora, na construção dos sentidos é fundamental o que Bakhtin chama de "ideologia do cotidiano". A linguagem não se faz apenas de palavras mas de vivência. Abordar, mesmo que seja por vias indiretas, o cotidiano desses países é um caminho talvez mais

---

*A linguagem não se faz apenas de palavras mas de vivência. Abordar, mesmo que seja por vias indiretas, o cotidiano desses países é um caminho talvez mais profícuo para a compreensão do que verdadeiramente está em jogo.*

---

profícuo para a compreensão do que verdadeiramente está em jogo.

Um filme pode nos ajudar nesta tentativa; aqui chamado de "Queridas Amigas" (Édes Emma, Draga Bobe, no original, em húngaro), dirigido por István Szabó, produzido em 1992, e cuja situação ficcional, de corte realista, se passa na cidade de Budapeste. É a história de duas professoras, Emma e Bobe, em Budapeste após a queda do regime comunista. Elas moram em albergue para professores porque eram do interior da Hungria. Emma leciona russo e tem um caso com o diretor da escola. Bobe, alegre e ambiciosa, acaba por se envolver com prostituição e drogas. O filme inicia com um pesadelo de Emma que se repete em outros momentos: imagens de uma mulher nua rolando numa duna de areia em câmera lenta, procurando se agarrar como pode em arbustos espalhados, enquanto se ouvem gemidos e sussuros, não ficando claro se de orgasmos ou de pânico. Ela acorda suando e assustada.

Com as mudanças, Emma se vê obrigada a aprender inglês, já que o russo foi abolido das escolas e o inglês se tornou obrigatório. Uma cena significativa é quando crianças queimam os livros de russo cantando uma canção folclórica russa. Divertem-se e ao mesmo tempo demonstram um certo sadismo para com as professoras que não entendem bem o que está acontecendo com suas vidas. Além de professora, Emma também trabalha como faxineira nas sexta-feiras.

Um diálogo entre as amigas é bastante revelador para os nossos objetivos. Emma sonha com uma situação digna e sua amiga a considera tola por não entender que as palavras perdem também os sentidos de acordo com a situação:

- "Você é tola - diz Bobe a Emma. Solidariedade, altruísmo, coletividade. Esqueça tais palavras. Podem ter tido algum significado, mas não o têm mais. Você é julgada pelo que possui... Não suporto esta pobreza... Nada de falar em futuro. Quero viver bem."

O filme de Szabó, cineasta responsável por outras realizações em que discute um contexto histórico, como a decadência do Império austro-húngaro em "Coronel Redl", a relação do nazismo com os artistas em "Mephisto", ou a nova configuração da Europa em "Encontro com Vênus", permite com sua carga dramática, impossível de ser reproduzida aqui, dar uma dimensão das dificuldades cotidianas das pessoas se adaptarem a uma nova situação onde não se tem claro aonde se vai chegar. A amiga de Emma para realizar seu desejo de ascensão e gozar das benesses do consumo e conforto acaba por se envolver com drogas, ser presa e por fim encontra no suicídio o término de sua angústia. Interrogada pela polícia sobre as atividades da amiga, Emma apenas declara que Bobe queria viver, "viver bem". Recorre ao seu sonho e entende que ele é "como se estivesse caindo do mundo..."

"Queridas Amigas" é um filme amargo mas não desprovido de poesia. Quando ainda a amiga Bobe estava viva e elas passeiam pelas belas ruas de Budapeste, agora cheia de mendigos e pedintes, e vêem numa livraria a foto de uma mulher, elas se perguntam sem obter respostas: "Quem é Rosa Luxemburgo?" E no fim de tudo, Emma é vista na estação de trem, sem expressão, olhando fixa para câmera, vendendo o jornal do dia, e dizendo sem ânimo: "notícias do dia! Notícias do dia!..."

A situação que o filme apresenta como sendo da Hungria não difere, seguramente, do que ocorre nos demais países que derrubaram o socialismo tal como estava

institucionalizado. E tem um mérito que é o de apontar o cotidiano de mulheres representativas num quadro de colapso e de desorganização social e reorganização econômica e política. Isto é que está ausente nos discursos de Brodsky e de Havel, com maior intensidade no primeiro que no segundo. E está ausente por uma única razão, por ser este o cotidiano não de um "pós-comunismo" ou de um "colapso de civilização", mas por ser o cotidiano de qualquer país capitalista que não tenha alcançado a condição econômica dos países centrais. Como afirmou com muito mais força um húngaro ao historiador Timothy Garton Ash, demonstrando uma legítima preocupação: "Sobrevivi a quarenta anos de comunismo, talvez não sobreviva a um de capitalismo" (33). É capaz que tenha sobrevivido, até porque lucidez costuma ser uma forma de resistência eficaz...

**O Poeta e a República:  
Ficção e História**

Diante da contundência da carta, o seminário *New York Review of Books* abriu no mesmo número espaço para uma resposta de Havel. Em primeiro lugar, ele considera ter dificuldades em responder "à altura" as questões que Brodsky levanta, necessitando de estudo e tempo, lembrando que as mudanças são muito rápidas, o que obriga uma margem muito grande de incertezas. Por isto sugere adiar a discussão, preferindo fazê-la pessoalmente. Mesmo assim entende que eles trabalham com o mesmo problema, mas usando um conjunto diferente de fatos, como maneiras diferentes de pensar a respeito de experiências comparáveis.

Havel discorda de se considerar o uso do conceito de "inconveniência" como um equívoco e lembra que o "totalitarismo" tcheco era também diferente do soviético, até pelo tempo que durou. No caso tcheco prevaleceu o oportunismo

*O desdobramento de um colapso que pôs por terra uma das utopias mais fortes até hoje elaboradas sem que se saiba exatamente o que virá em seu lugar.*

dos dirigentes e de uma certa tradição democrática do século XIX inexistente na Rússia. "A liberdade nunca foi um aspecto completamente desconhecido no tempo, espaço e pensamento", destacando que a conquista da liberdade pessoal para Brodsky talvez tenha sido muito mais difícil do que a sua pelas razões apontadas.

O encontro que Havel propõe entre os dois é para confirmar o que ele considera um "desacordo que pode não ser mais que um equívoco". Realmente, a forma como Brodsky situa a crise torna difícil uma resposta elegante, como é do feitio de Havel. Mas os caminhos da linguagem se apontam problemas na praxis, eles aparecem também no discurso de Havel, que parece cada vez mais impregnado de religiosidade em detrimento de uma costumeira lucidez, profundidade e pertinência quando enfrentava o regime.

Existe uma antinomia evidente entre os discursos; mas é na sintonia que a questão da linguagem revela não um pesadelo pós-comunista – que pelo visto não é pós, mas é pré, e pré-capitalista dado a necessidade de se criar uma sociedade de mercado, inserida no capitalismo concorrencial em fase monopolista e em plena revolução tecnológica –, mas uma fuga das vicissitudes da história, apropriando-se da poesia para evitar a questão que a todos incomoda: o desdobramento de um colapso que pôs por terra uma das utopias mais for-

tes até hoje elaboradas sem que se saiba exatamente o que virá em seu lugar. O que não é por si só um grande problema desde que fique claro o que realmente está em jogo nos malabarismos verbais que procuram dar conta das transformações. Neste duelo entre dois grandes escritores, e indiscutivelmente pessoas dignas de respeito e admiração, não há vitoriosos ou vencidos, apesar de uma certa ojeriza à história que indica uma limitação nada irrelevante.

A dificuldade em se apreender a complexidade do real sem levar em conta sua totalidade – às vezes gerando um tremendo pavor de que por trás desse conceito se esconda uma proposta "totalitária", confundindo-se Marx com sua variante stalinista e/ou positivista – consiste no compromisso que a linguagem demonstra existir por trás de uma aparente neutralidade ou ausência de ideologia.

Havel tem a praxis, Brodsky tem a poesia. Havel reclama uma integração civilizatória, Brodsky reclama da falta de originalidade. Mas ambos parecem afastados da república, parecem conceber a história – o que é mais surpreendente, e menos perceptível, em Havel do que em Brodsky – como algo a ser descartado, como uma incômoda presença. James Joyce escreveu que a história é um pesadelo do qual queria despertar. Para Octavio Paz ele se equivocou:

*"las pesadillas se dissipam con la luz del alba mientras que la historia no terminará sino hasta el fin de nuestra especie"* (34).

Assim como o filósofo grego quis eliminar o poeta da república, parece que o poeta às vezes quer eliminar a república da história.

33 – Op. cit. pag. 164

34 – "Poesia, mito, revolución" in *La casa de la presencia. Poesía e historia. Obras completas. Vol. 1.* México: Fondo de Cultura Económica, 1993, pag. 529.